

**“TODO DIA A MESMA NOITE”: COMPILAÇÕES
DISCURSIVAS ACERCA DO INCÊNDIO DA BOATE KISS
À GUIA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UERN)
guianeezasaraiva@uern.br

RESUMO

O incêndio na Boate Kiss, em 27 de janeiro de 2013, na pequena Santa Maria, Rio Grande do Sul, chocou o mundo inteiro. Após dez anos da tragédia, ainda é visível a indignação, a angústia e, principalmente, a súplica por justiça, uma vez que 242 pessoas tiveram as vidas ceifadas. Partindo desse contexto, esta discussão tem como objetivo compilar os discursos reverberados na série da Netflix “Todo dia a mesma noite: o incêndio da Boate Kiss”, no documentário da Globoplay “Boate Kiss: a tragédia de Santa Maria” e na obra bibliográfica da jornalista Daniela Arbex “Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss”. Para fins de embasamento teórico, recorreremos às premissas da Análise Crítica do Discurso, em especial à corrente social de Fairclough (2016). Quanto aos aspectos metodológicos, é pertinente frisar que o *corpus* é constituído por fragmentos discursivos da série, do documentário e do livro supracitados, que versem sobre as questões jurídicas do caso, sobre o luto das famílias e sobre como a mídia deu visibilidade ao caso. Os resultados indicam que os meios de comunicação de massa assumem um papel imprescindível no processo de disseminação de informações, esclarecimentos dos fatos e adesão da população brasileira no clamor por justiça, embora o sensacionalismo tenha ganhado ênfase na representação de algumas cenas e na ilustração de alguns detalhes.

Palavras-chave:

Boate Kiss. Análise Crítica do Discurso. Obra bibliográfica e *Streaming*.

ABSTRACT

The fire at the Boate Kiss on January 27, 2013, in small Santa Maria, Rio Grande do Sul, shocked the whole world. Ten years after the tragedy, the indignation, the anguish and, above all, the plea for justice are still visible, since 242 people had their lives taken away. Starting from this context, this discussion aims to compile the speeches reverberated in the Netflix series “Todo dia a mesma noite: o incêndio da Boate Kiss”, in the Globoplay documentary Boate Kiss: a tragédia de Santa Maria” and in the bibliographic work of journalist Daniela Arbex “Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss”. For purposes of theoretical foundation, I will resort to the premises of Critical Discourse Analysis, especially the social current of Fairclough (2016). Regarding the methodological aspects, it is pertinent to emphasize that the *corpus* consists of discursive fragments of the series, of the aforementioned documentary and book, which deal with the legal issues of the case, the grief of the families, and how the media gave visibility to the case. The results indicate that the mass media assume an essential role in the process of information dissemination, clarification of the facts and adherence of the Brazilian population in the cry for justice, although sensationalism has gained emphasis on the depiction of some scenes and the illustration of some details.

Keywords:**Boate Kiss. Critical Discourse Analysis. Bibliographic work and Streaming.****1. Considerações iniciais**

“Fogo na Boate Kiss!” Essa frase marcou a última década no Brasil. Não somente a população de Santa Maria, uma pequena cidade localizada no “coração” do Rio Grande do Sul, sofreu com a morte de 242 jovens. O Brasil inteiro acompanhou noticiários, *posts* em redes sociais, júri popular, fotos, negligência estatal e muitas lágrimas, muita dor. Quem imaginaria que uma simples noite “de balada” marcaria, profundamente, tantas famílias? Quem iria supor que após dez anos a justiça ainda não tivesse sido feita?

Diante de tantas indagações, a propositura deste trabalho nasce de uma compilação de discursos reverberados na série da *Netflix* “Todo dia a mesma noite: o incêndio da Boate Kiss”; no documentário da *Globoplay* “Boate Kiss: a tragédia de Santa Maria” e no livro da jornalista Daniela Arbex “Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss”, com foco nas seguintes Áreas do Conhecimento: Comunicação, Ciências da Religião e Direito.

Partindo dessa premissa, o aporte teórico que norteará este artigo é a Análise Crítica do Discurso – ACD –, mais especificamente a corrente social desenvolvida por Fairclough (2016). Por assumir um viés transdisciplinar, a ACD me autoriza a trazer reflexões teórico-analíticas que discutam os propósitos comunicativos das mídias em estudo, as crenças religiosas personificadas nos discursos e as bases legais do caso. No que diz respeito às questões metodológicas, é pertinente frisar que o *corpus* se constitui de dois fragmentos discursivos extraídos da série, dois do documentário e dois do livro, totalizando, assim, seis excertos, que serão analisados a partir de um viés qualitativo-interpretativista.

Em linhas gerais, os resultados indicam que a dor das famílias geraram comoção nacional. Além disso, é possível destacar, a partir de outros estudos realizados, que as tragédias “da vida real”, como os casos Suzane von Richthofen⁴³ e Elise Matsunaga⁴⁴, tendem a despertar uma

⁴³ Suzane Von Richthofen foi acusada de assassinar os pais, em 2002. Para mais informações, sugiro a leitura do texto “Afinal, quem matou os Von Richthofen? Análise Crítica Discursiva dos filmes “A menina que matou os pais” e “O menino que matou meus pais”, de autoria de Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva Meira, Antonio Carlos

maior curiosidade nos indivíduos e, conseqüentemente, gerar um maior engajamento e uma maior popularidade dos meios midiáticos responsáveis pela disseminação das informações.

2. *Análise Crítica do Discurso: o campo político-ideológico e a transdisciplinaridade em evidência*

A Análise Crítica do Discurso é uma teoria-método, relativamente nova, que centra foco nas práticas sociais, isto é, na forma como o discurso reflete as instituições, os sujeitos, a sociedade. É a partir dela que podemos compreender como as questões ideológicas e as relações de poder, por exemplo, estão imbricadas. Nessa conjuntura, a corrente social desenvolvida por Fairclough (2016) é o cerne teórico deste trabalho, uma vez que as mudanças sociais – em contraponto às tradições – serão consideradas, investigadas e analisadas.

No que diz respeito à mudança social, Fairclough (2016) explica que as Instituições estão em constante transformação, a exemplo da Família, da Escola e da Mídia. Isso significa dizer os indivíduos que compõem tais instituições tendem a questionar as tradições, rompendo modelos pré-estabelecidos, implicando, portanto, na assunção de novos comportamentos e de novas formas de pensar. De maneira análoga, Sztompka (2005, p. 30), explica que a mudança social “é a transformação da organização da sociedade e de seus padrões de pensamento e comportamento através do tempo; é a modificação ou transformação da maneira como a sociedade é organizada”.

Ainda sobre a Análise Crítica do Discurso, Melo (2018) explica seus princípios que a distinguem de outras abordagens discursivas. São eles:

- 1) **Ímpeto crítico** - A ACD não se centra em elementos especificamente linguísticos. Seus enfoques implicam mostrar conexões e causas ocultas nos textos que constroem e desconstroem práticas dominantes de poder.

Meira de Brito e Ana Maria Saraiva Meira de Brito. Disponível em <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/895/962>.

⁴⁴ Elise Matsunaga foi acusada de assassinar o marido e esquartejá-lo. Aconselho a leitura do artigo “Feminicídio às avessas? Análise Crítica dos Discursos na Minissérie *Elise Matsunaga: Era uma vez um crime*”, de autoria de Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva Meira. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiv_CNLF/completos/feminicidio_GUIANEZZA.pdf.

- 2) **Explicitude político-ideológica** – A ACD busca perceber a ciência como um conjunto de práticas ligado a elementos extra científicos, quais sejam a posição ideológica do cientista e o efeito social de sua investigação.
- 3) **Transdisciplinaridade** – A ACD tem uma relação dialógica com outras teorias e métodos sociais.
- 4) **Aplicabilidade** – As pesquisas em ACD devem promover resultados concretos de mudança social, atuando como práticas para atender a questões sociais iminentes, sendo propulsoras de transformações no modo das pessoas olharem e agirem.
- 5) **Acessibilidade** – Qualquer trabalho realizado pela ACD deve ser ensinável, claro e acessível na socialização das análises e dos resultados de pesquisa.
- 6) **Empoderamento social** – A ACD vê-se como um selo de pesquisa politicamente envolvida com uma exigência emancipatória (MELO, 2018, p. 31-34) (grifos do autor, adaptado)

Dentre os quesitos mencionados, irei me voltar para à *explicitude político-ideológica*, tendo em vista não ser possível a completa isenção quanto à forma de pensar, quanto à visão de mundo ao analisarmos um determinado discurso, uma dada postura. Cientificamente, existe o compromisso com a ética, e, por isso, o pesquisador deve respeitar a linha tênue que há entre os fatos e o subjetivismo, fazendo com que as categorias discursivas sejam o leme das análises. Embora seja um exercício complexo, reitero que o fio condutor das análises deste texto será o viés acadêmico.

Outro aspecto que merece destaque é a *transdisciplinaridade*, que, em linhas gerais, implica na reunião de Áreas do Conhecimento, a fim de aprofundar uma discussão e analisar um dado objeto de estudo. Em outras palavras, o pesquisador é livre para recorrer às áreas que dialogam, que convergem e que contribuem para uma discussão profícua, embasada em autoridades que se apropriam de termos específicos, no intuito de contribuir para a disseminação do conhecimento. Essa rica contribuição de outras áreas permite que o pesquisador recorra à linguagem, ao discurso em si, mas que também adote conceitos e categorizações de áreas afins.

Sumariamente, trarei à tona discussões que se voltam para o poder de manipulação da Mídia, bem como para o uso de estratégias sensacionalistas, com fins de atrair a adesão de um determinado público, de ganhar popularidade e notoriedade. Discutirei, também, sobre o papel das Ciências da Religião e as crenças evidenciadas no *corpus*, dando ênfase à

noção de psicografia, de mau presságio e de fé. Discorrerei, ainda, sobre as infrações às leis de segurança, sobre o Júri Popular e sobre a criação da Lei Kiss. Vejamos, a seguir, as Área do Conhecimento aqui listadas, suas bases conceituais e seus respectivos teóricos.

3. Áreas do Conhecimento em cena: Comunicação, Ciências da Religião e Direito

A comunicação é uma atividade particularmente humana que nos trouxe diversos benefícios, dentre os quais enumero a interação entre os indivíduos, o acesso à informação e ao entretenimento. Ao nosso dispor, temos inúmeros meios de comunicação de massa, que passam pelo processo de inovação, com o fito de cumprir o seu papel na contemporaneidade.

Na obra “A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google”, Parry (2012, p. 2) defende que “cada nova mídia não vem apenas substituir as anteriores, mas também absorve alguns aspectos destas e modificam-nas. As antigas formas de mídia não desaparecem, evoluem”. Isso é passível de comprovação se observarmos os meios de comunicação em evidência na pós-modernidade.

O rádio e o jornal, por exemplo, já têm mais de um século de existência, mas, mesmo assim, o número de receptores/interlocutores dos discursos que circulam nessas mídias ainda é bem considerável. Em contrapartida, as revistas impressas, o telégrafo e até mesmo as ligações convencionais - sejam por meio de telefones fixos, sejam por celulares -, perderam, bruscamente, o número de usuários assíduos. O *boom* das redes sociais, da mensagem instantânea, do uso de emojis e das plataformas de *streaming* provam a evolução da comunicação, da língua e das práticas sociais.

Paralelo a isso, é importante destacar que a opinião é algo correto no processo comunicativo, até porque a Constituição Federal de 1988 nos assegura o direito da liberdade de expressão. Acerca disso, Charaudeau (2009) explica que a opinião

[...] é o resultado de uma atividade que consiste em “reunir elementos heterogêneos e associá-los ou compô-los segundo a lógica do necessário ou do verossímil”. Ela depende, com efeito, de um cálculo de probabilidade, que leva o sujeito a tomar uma atitude intelectual de aceitação ou não da verossimilhança. A opinião assemelha-se à crença [...]. Por outro lado, a opinião não deve ser confundida com o conhecimento. Este é independente do sujeito que sabe; a opinião, ao contrário, revela o ponto de vista do

sujeito a respeito de um saber. A opinião não enuncia uma verdade sobre o mundo, ela remete ao sujeito. (CHARAUDEAU, 2009, p. 121-2, adaptado)

As palavras do autor permitem a inferência de que os meios de comunicação costumeiramente veiculam opiniões, que, muitas vezes, estão associadas à noção de verdade absoluta. Outros fatores também devem ser observados, visto que o preconceito mascarado, a cultura do cancelamento, o discurso de ódio e muitas outras formas de violação do direito de expressão ganham força e legitimam discursos e ações extremamente negativos para a sociedade que consome esses textos.

Voltando-me para o caso da Boate Kiss, julgo pertinente promover uma reflexão por meio da capa da Revista Veja, publicada em 06 de fevereiro de 2013. Nela, vê-se a ilustração do sofrimento, da dor da jovem Yasmin Müller, sobre o caixão do seu namorado, Lucas Dias, vítima do incêndio na boate. Embora não haja o propósito de analisar elementos imagéticos neste trabalho, creio ser relevante mencionar a estratégia persuasiva da revista, uma vez que não há “pose para a foto”, isto é, o elemento visual que compõe a capa da Revista Veja foi tirada sem avisos e circulou sem permissão.

Figura 01: Capa da Edição Especial da Revista Veja.



Fonte: Revista Veja – Edição 2307 - 06 de fevereiro de 2013.

Em reportagem publicada no G1, Yasmin fala sobre a foto: “Tiveram muitos comentários à época, de pessoas que nem sabiam o que estava acontecendo. Disseram que era uma montagem, que eu era uma modelo, porque eu estava com as unhas bem pintadas de vermelho. Eu nunca mais pintei dessa cor. Até tentei, mas não gosto”.

Quanto ao chapéu, Yasmin acrescenta que era o adereço preferido de Lucas. “O jovem cultivava as tradições gaúchas, andava pilchado com

botas e bombachas, frequentava Centros de Tradições Gaúchas e gostava de andar a cavalo”. Ainda conforme a reportagem, as abas longas do chapéu preto serviram para esconder as lágrimas, para tornar mais íntimo o momento de despedida.

Como se pode ver, embora não houvesse a permissão para registrar este momento, a foto de Yasmin reporta a ideia da juventude, da incredulidade diante daquela tragédia. Mais do que isso, essa imagem nos mostra a frieza que por vezes age o jornalista, visando, sobretudo, o “furo de reportagem”, o ineditismo.

No que tange às Ciências da Religião, iniciamos o diálogo situando que a palavra “religião” deriva do latim *religare* e é sinônima de religar, voltar a ligar. Todavia, esse conceito advindo dos dicionários não consegue expressar a grandiosidade que a religião assume enquanto ciência. Sob diversas facetas, doutrinas, dogmas e vertentes, a “fé em Deus” é algo que transcende a noção de temporalidade e tende a dividir opiniões, a gerar polêmicas. Como é sabido, social e culturalmente, a crença em uma divindade culmina na verbalização de discursos religiosos, que, por sua vez,

[...] por trabalhar com questões simbólicas, os discursos religiosos interferem na elaboração e difusão de símbolos culturalmente disponíveis, dos conceitos normativos, das noções de fixidade e de identidade. Ao interferir na elaboração e na difusão destes elementos em conexão com outros campos da cultura, os discursos religiosos penetram no âmago das concepções de vida das pessoas (LEMOS, 2005, p. 127) (adaptado)

No caso da Boate Kiss não podia ser diferente. Os maus presságios foram recorrentes nos discursos dos familiares das vítimas. Ademais, a chama da fé de que encontrariam seus entes queridos vivos permaneceu acesa até o último momento. Diante da situação de desespero, de angústia, de aflição, as orações coletivas reforçavam a ideia de um Deus único, independente do pertencimento a uma religião.

Outra crença contemplada neste trabalho é a psicografia. No documentário da Globoplay, Tatiana Borsa, advogada de defesa do réu Marcelo de Jesus dos Santos, apresentou a leitura de cartas supostamente psicografadas por jovens que morreram no incêndio. Sobre esse artifício, o Promotor de Justiça David Medina da Silva disse: “Não é possível que eu use uma carta psicografada, que é algo religioso, num tribunal. Isso não é uma prova. É uma prova sobrenatural? O que é isso?”.

Um recorte discursivo que merece ser destacado, aqui, é a busca do carro no estacionamento vizinho à Kiss por Lívia e Ricardo, pais de

Marco. A fé de que o carro não estaria lá e conseqüentemente o filho não estaria na boate naquela noite é um grande exemplo de crença, de religiosidade. A cena é dramatizada na minissérie da Netflix e foi bastante comentada entre os seguidores da página do *Instagram* @netflixbrasil, conforme podemos constatar a seguir:

Figura 01: Comentário de internauta sobre cena da série da *Netflix*.

Comentários



renogueiramartins 23sem



A cena em que ele e a esposa procuram pelo carro do filhotristeza sem fim !!! 😞

1.512 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: *Instagram* @netflixbrasil.

No episódio, a religiosidade fica evidente no discurso de Lívia para Ricardo, conforme o trecho: “O estacionamento. Lembra? Se o carro não estiver lá, é porque o Marco não tá aqui” (...) se estiver aqui vai acender uma luz e tocar a buzina, mas não tá! O Marco não tá aqui. Tenho certeza que ele tá bem”. Os comentários na postagem indicam que essa foi uma das cenas mais impactantes da série da *Netflix*.

Quanto à área do Direito, convém reforçar que a pressão popular implicou em uma decisão de grande importância para os familiares das vítimas do incêndio da Boate Kiss: os culpados iriam a Júri Popular. Todavia, a sentença resultante do Júri foi anulada, conforme veremos em um dos excertos que compuseram o *corpus* deste trabalho. É crucial frisar a notória frustração, revolta e indignação dos pais das vítimas ao tomarem conhecimento dessa decisão, comprovadas pelas cenas reais exibidas no documentário da Globoplay.

Outro fator de extrema importância na construção deste artigo é a criação da Lei nº 13.425, de 30 de março de 2017, popularmente conhecida como “Lei Kiss”, que, por sua vez, “estabelece diretrizes gerais sobre medidas de prevenção e combate a incêndio e a desastres em estabelecimentos, edificações e áreas de reunião de público”. Olhando pelo viés da Análise Crítica do Discurso, é possível inferir que houve morosidade na sanção da lei, tendo em vista o incêndio ter ocorrido em janeiro de 2013 e o presidente em exercício, Michel Temer, só ter sancionado em março de 2017. Além disso, houve a constatação de que a Boate Kiss nunca esteve regulamentada para o funcionamento, o que permite, mais

uma vez, a compreensão de que os dispositivos de Segurança Pública em nossa Constituição foram negligenciados pelo Estado.

4. Trilhas metodológicas-analíticas

4.1. Netflix: o sensacionalismo e o poder de persuasão

“Todo dia a mesma noite: o incêndio da Boate Kiss” é uma série que, literalmente, dramatiza uma tragédia da vida real. Com cenas e discursos marcantes, os cinco episódios prendem os espectadores, aflorando um mix de sentimentos⁴⁵, a saber: angústia, dor, revolta, sede de justiça e frustração.

Recorrendo a subtítulos curtos – “A noite”, “O luto”, “A culpa”, “O processo” e “Sem fim” – e com uma média de 40 minutos, os episódios retratam, em uma linha cronológica, o incêndio de uma boate localizada na região central do Rio Grande do Sul, que nunca esteve completamente regularizada para funcionamento. O que parecia inimaginável, era fato: a Kiss nunca ofereceu segurança para seus frequentadores.

A fim de gerar uma maior comoção nos assinantes, a série da *Netflix* foi lançada na semana em que se completava dez anos do incêndio, justificando, portanto, o uso da expressão “Todo dia a mesma noite”, em alusão ao dia 27 de janeiro de 2013, sendo esta a data que marcaria para sempre as 242 famílias, o município de Santa Maria, o Brasil, o mundo.

Resumidamente, a série mescla recursos visuais, trilha sonora e recortes temporais – idas e vindas em cenários distintos –, a exemplo de hospitais, as residências das vítimas do incêndio, o ginásio e a própria Boate Kiss. A dramatização, feita por renomados atores, tem, certamente, a finalidade de gerar um impacto ainda maior nos espectadores. Vejamos, a seguir, os dois trechos⁴⁶ reverberados na série da *Netflix* e as respectivas análises:

Excerto 1: Discurso de um Padre, em frente a Boate Kiss. Episódio 02, *Netflix* (grifos meus).

⁴⁵ A *Netflix*, em sua página oficial do *Instagram* – @netflixbrasil – postou recortes da série e recebeu incontáveis comentários que confirmam essa análise.

⁴⁶ Os trechos que compuseram o corpus deste trabalho foram transcritos da série, do documentário e da obra bibliográfica.

“Em meio a essas perdas enormes, alguns perguntam: ‘onde está Deus? **Como pode um Deus bom e justo** deixar acontecer uma tragédia dessas? **Como pode um Deus bom e justo** privar nossos filhos e filhas de seus futuros? **Como pode um Deus bom e justo** nos tirar tanto, nos dar tanta dor? Eu sei que **Ele só nos dá aquilo que podemos aguentar**. Mas, eu mesmo me pego virando pra Ele e perguntando: Por que isso faz parte do Teu plano? Como podemos usar isso para tornar o mundo um lugar melhor? E me encontro sem respostas, fora a fé. **A fé de que, mesmo envolvidos em escombros, precisamos encontrar uma maneira de seguirmos em frente, de acharmos um propósito e de honrarmos a memória daqueles que perdemos**”.

O excerto em análise permite, de início, a identificação do discurso religioso. Nele, há o predomínio do recurso estilístico da repetição, como também a recorrência à retórica – “como pode um Deus bom e justo?” –, a fim de gerar convencimento e promover uma reflexão. Quanto às premissas da Análise Crítica do Discurso, é possível depreender que há tradição discursiva (Cf. FAIRCLOUGH, 2016), uma vez que o discurso da autoridade religiosa – o padre que fala para inúmeros fiéis – tem como intencionalidade levar conforto às famílias que vivenciam o luto, reforçando a ideia de que precisam seguir em frente.

Há, ainda, o princípio de interdiscurso (Cf. FOUCAULT, 2005), ao reverberar que “Ele só nos dá aquilo que podemos aguentar”, estabelecendo relação com Coríntios 1:10-13 “Ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, Ele mesmo providenciará um escape, para que o possam suportar”. Em outras palavras, Deus sabe o tamanho do “fardo” que aguentamos.

No que diz respeito à Comunicação, é imperioso destacar que a cena da Netflix retrata uma missa celebrada em frente aos escombros da Boate Kiss. Com uma vela na mão, os *flashs* mostram o olhar triste, sombrio e enlutado das personagens que representam as famílias e os amigos das 242 vítimas do incêndio. Nesse sentido, assim como propõe Charaudeau (2009), a mídia tem como intenção manipular, mesmo que, para isso, precise usar subterfúgios como o sensacionalismo, o apelo emocional e o exagero.

Excerto 02: Pedro Leal. Episódio 03, *Netflix* (grifos meus).

“Meu nome é Pedro Leal, sou o pai da Mari e eu queria falar uma coisa: [...] **Por que que nós tá aqui?** Mas, *bah*, porque nossos filhos morreram. Mas, **por que nossos filhos morreram?** O artefato pegou fogo na espuma, o gás envenenou. Mas, **por quê? Quem comprou? Quem autorizou? Quem vistoriou? Quem deixou nossos filho entrar?** Nós temo

que ter essa resposta, porque, **sem justiça pra eles, eles não vão poder descansar. E nem nós**⁴⁷.

No segundo excerto escolhido para representar a série da *Netflix* temos o discurso de Pedro Leal, pai de uma das vítimas do incêndio. Conforme indicado na nota de rodapé, optei pela transcrição literal do discurso, uma vez que as marcas de oralidade típicas dos gaúchos também implicam na análise crítica discursiva, por ser uma questão identitária, um traço ideológico (Cf. MELO, 2018). Mais uma vez, a sequência de questionamentos é utilizada com o intento de promover uma reflexão: “Por que nossos filhos morreram?”. Os trechos seguintes se voltam ora para questões legais – “Quem autorizou? Que vistoriou? Que deixou nosso filho entrar?” –; ora para a religiosidade – “sem justiça pra eles, eles não vão poder descansar”.

Essa mescla entre os discursos jurídicos e os discursos religiosos sugere um olhar atento às relações de poder (Cf. MEIRA, 2016), haja vista a justiça e a religião serem duas fortes instâncias de poder, permeadas de hierarquias, que nem sempre são percebidas ou consentidas. Nos discursos em análise há, notadamente, a mobilização para que se busque justiça, a fim de que todos os culpados, independentemente da posição social ou do cargo que ocupam, sejam punidos.

No que concerne ao viés comunicacional, enfatizo a recorrente participação de Pedro Leal na série. Ele também dramatizou a cena de identificação do corpo da filha Mari no Centro Desportivo, compôs a associação de pais em busca de justiça, confrontou autoridades e tentou consolar a esposa pela perda da jovem filha. Mais uma vez, essas estratégias têm como propósito prender a atenção do interlocutor, “vender” uma ideia (Cf. CHARAUDEAU, 2009).

4.2. Documentário: retratos da ilegalidade e recortes verídicos do caso

Com foco nos depoimentos, laudos técnicos, fotos, vídeos, leis e perícias, o documentário da Glopoplay traz uma linha diferente da adotada na série da *Netflix*. Todavia, é pertinente frisar que por envolver apenas elementos reais, sem artifícios ficcionais, as reações do público espectador são marcadas por indignação profunda, em especial pelo fato de

⁴⁷ Os desvios de Norma Culta Padrão foram mantidos neste texto, assim como a variante regional do Rio Grande do Sul, visto que prezei pela transcrição literal dos fragmentos discursivos.

ninguém ainda ter cumprido pena, ou seja, após longos dez anos, ninguém foi preso.

O documentário contempla cinco episódios, intitulados: “27 de janeiro de 2013”, “Do luto à luta”, “Coincidências fatais”, “No banco dos réus” e “Ponto de Interrogação”.

Outro fato que desperta a atenção dos assinantes é o foco na atuação do Ministério Público e os desdobramentos do caso, a exemplo da votação para que se houvesse Júri Popular e, depois de tantas inconsciências, a anulação ter sido deferida. Ainda a respeito dos destaques, convém mencionar os recortes de falas dos familiares e dos sobreviventes, cujas denúncias têm como premissa reforçar a negligência do Estado, constatar a morosidade judicial e expor que vinte e oito pessoas deveriam ter sido indiciadas; mas, apenas quatro sentaram no banco dos réus.

Alguns recortes são emblemáticos e marcaram o documentário, dentre os quais elenco o depoimento de Kelen Giovana Ferreira, que, depois do incêndio, passou a usar prótese em uma das pernas. “O que mais fez com que eu resignificasse, eu acho, né, o que aconteceu, foi ter perdido uma perna. De todos que sobreviveram, eu fui a que mais tive danos físicos”, disse Kelen, no primeiro episódio. Além dela, chama atenção o caso de Delvani Rosso, pois segundo os prontuários médicos, ele teve 45% do corpo queimado, demandando em uma longa internação – inclusive um mês em estado de coma - e a necessidade de cuidados especiais, como fisioterapia e terapia ocupacional. Quanto aos réus, um fato que provocou inúmeras polêmicas foi a chegada de Luciano Bonilha Leão, ao gritar “eu não sou assassino”. De acordo com os autos, ele comprara e acendera os fogos de artifício, categorizados como inadequados para o ambiente e vedado pela Segurança Pública.

Excerto 3: Delegado Marcelo Arigony, Globoplay) (grifos meus).

“Ela **nunca teve atuando de forma totalmente regular** [...] questões sonoras e de prevenção ao incêndio. Essas evidências denotam que a boate não poderia estar funcionando. **Se não estivesse funcionando no dia 27 de janeiro, as mortes não teriam ocorrido** [...]. A barra de guardar corpos, as janelas fechadas, os extintores que não funcionavam, a falta de iluminação, a falta de treinamento adequado dos seguranças da boate, a espuma, degraus dentro da boate, a falta de sinalização indicando as rotas de saídas [...]” – Delegado Marcelo Mendes Arigony.

O excerto em análise, transcrito do documentário produzido pela Globoplay, trata-se do discurso do Delegado Marcelo Arigony, um dos responsáveis pela investigação do incêndio da Boate Kiss. No pronunciamento, ele deixa claro que o ambiente nunca teve totalmente regulamen-

tado para funcionamento. O trecho “Se não tivesse funcionando no dia 27 de janeiro, as mortes não teriam ocorrido” remontam à ideia de omissão governamental, tendo em vista a obrigatoriedade de vistoriar e fazer cumprir as leis de segurança.

Na sequência, vê-se uma gradação de fatores – ou erros – que implicaram diretamente no expressivo número de óbitos. Dentre esses erros, a meu ver, os mais graves são: “os extintores que não funcionavam” e a “a falta de sinalização indicando as rotas de saída”. Isso porque tais medidas de segurança são categorizadas como básicas, imprescindíveis para o combate a incêndios. Ainda acerca dos fatores elencados, é basililar frisar a lexicalização, a escolha dos vocábulos, visto que, consoante aos pressupostos de Fairclough (2016), ao descrever as três dimensões do Modelo Tridimensional do Discurso – Texto, Prática Discursiva e Prática Social - a narrativa minuciosa de cada falha intenciona gerar um impacto no interlocutor, com o desígnio de propiciar a sensação de veracidade, de argumentação.

Convém citar, ainda, que ao recorrer a uma expertise, a uma autoridade do caso da Boate Kiss, o documentário cumpre com o propósito comunicativo de prender a atenção do receptor da mensagem, pois, assim como afirma Charaudeau (2009), a mídia recorre a estratégias diversas, a fim de garantir a credibilidade e a confiança naquilo que está sendo veiculado.

Excerto 4: Desembargador Manuel Martinez, Globoplay) (grifos meus).

“Por maioria vencido o relator, deram provimento aos apelos fulcrados [...], para **declarar a nulidade do julgamento** prejudicado o exame dos apelos com base nas demais alíneas daquele dispositivo. **Por unanimidade revogaram a prisão dos apelantes**, comunique-se de imediato ao júízo de primeiro grau” – Desembargador Manuel José Martinez Lucas.

O excerto 4, reproduzido na Plataforma de *Streaming* Globoplay, também é de uma autoridade no caso da Boate Kiss. Trata-se do Desembargador Manuel Martinez, que proferiu a sentença de anulação do julgamento, ocorrido na configuração de Júri Popular, por depreender que a condução fora inadequada. No que diz respeito à linguagem utilizada (Cf. FAIRCLOUGH, 2016), é possível afirmar que o léxico escolhido faz jus ao âmbito jurídico, recorrendo a termos técnicos e específicos da área, a saber: “alíneas”, “revogaram a prisão” e “juízo de primeiro grau”.

Outrossim, é necessário sublinhar a relação de poder (Cf. MELO, 2018) que o desembargador exerce. A título de ilustração, destaco que a leitura da decisão pela nulidade do julgamento gerou revolta nos familia-

res e nos amigos das vítimas do incêndio da Boate Kiss, já que, na visão de uma significativa maioria dos pais, a liberdade dos quatro réus – Mauro Hoffmann, Elissandro Spohr, Marcelo de Jesus dos Santos e Luciano Bonilha Leão – aumentara a sensação de impunidade daqueles que, de acordo com os autos, eram responsáveis pela tragédia.

Para fins de atualização, elucido aqui a importância da página do Instagram @kissquenaoserepita, que conta com 163 mil seguidores e 526 publicações, sendo ela administrada por um “Coletivo formado por amigos de vítimas do incêndio na Boate Kiss”. Na conta da rede social mencionada, foi postado, em 5 de setembro de 2023, que o Supremo Tribunal de Justiça decidiu que haveria um novo júri. Como se podia esperar, os seguidores manifestaram indignação, especialmente pelo fato de não se ter uma data marcada e, mais uma vez, a sensação de impotência, de morosidade da lei.

4.3. O livro: discursos reais, dor e o poder da narração-descritiva

A obra bibliográfica “Todo o dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss”, da jornalista Daniela Arbex, é rica em detalhes e, especialmente, em diálogos, em discursos literais. Em linhas gerais, é importante sublinhar que o livro apresenta fatos e informações inéditos, quando comparados à série e ao documentário. A título de exemplo, destaco o discurso de um pastor que, ao fazer a recomendação do corpo de um jovem, culpou os pais pela tragédia, uma vez que aquela boate não era lugar para um evangélico.

É sabido, também, que esta obra embasou a série da Netflix, o que me leva a enfatizar, aqui neste texto, a maestria da autora ao fazer a caracterização das vítimas do incêndio e a descrição minuciosa da forma como a família lidou com o luto. Chamou minha atenção, inclusive, o sentimento de negação apresentado por algumas mães, seja quando se mostraram incrédulas ao verem que os nomes de seus filhos não constavam nas listas dos hospitais, seja no ato do reconhecimento dos copos enfileirados em uma quadra de esportes.

Reforço, ainda, a linguagem simples que fora adotada, viabilizando uma leitura fluida, embora as pausas tenham sido, para mim, necessárias, a fim de “digerir” determinados discursos. Outro fator que gera uma grande comoção é o fato de a autora ter organizado uma sessão de fotos de algumas famílias das vítimas e ter disposto no fim da obra. Um fato curioso é que a venda do livro foi mais expressiva depois do lançamento

da série da Netflix e do documentário da Globoplay, corroborando com o pensamento de que os brasileiros tendem a assistir a produções cinematográficas que foram adaptadas de um livro.

Excerto 5: Discurso do pastor, obra bibliográfica de Daniela Arbex (grifos meus).

“– **Vocês não deveriam estar chorando, pois o Augusto não gostava de vocês. Se gostasse realmente, ele não lhes teria desobedecido e ido à boate** - declarou o pregador. Para não magoar Cida, o marido escondeu dela o que havia ouvido na cozinha da igreja em que Augusto estava sendo velado. **O pastor, porém, tornou público o seu pensamento na encomendação do corpo do jovem [...]**”

– **“Que a morte desse rapaz sirva de exemplo para todos os filhos que desobedecem aos pais. Se ele estivesse na igreja, não estaria morto”** (p. 116).

O excerto em análise, veiculado no livro da jornalista Daniela Arbex, contempla o viés religioso. Trata-se do discurso de um pastor que associa a morte de Augusto ao pecado da desobediência, tendo em vista existir o preceito de que evangélicos não devem frequentar festas/baladas como as que ocorriam na Boate Kiss.

O trecho escolhido tem duas falas marcantes. A primeira quando diz: “Vocês não deveriam estar chorando, pois o Augusto não gostava de vocês. Se gostasse realmente, ele não lhes teria desobedecido e ido à boate”. Aqui, é visível a tradição discursiva (Cf. FAIRCLOUGH, 2016) uma vez que reforça a imprescindibilidade de obediência aos pais. Recorrendo à noção de *interdiscurso* (Foucault, 2005), é possível associar o trecho ao mandamento cristão “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá”. Êxodo 20:12.

Já o segundo trecho, “Que a morte desse rapaz sirva de exemplo para todos os filhos que desobedecem aos pais. Se ele estivesse na igreja, não estaria morto”, recorre ao princípio religioso da lição, da exemplificação, embora o viés seja negativo, pois, em consonância com a teoria de Lemos (2005), os discursos religiosos têm o poder de penetrar no âmago dos indivíduos, implicando na fragmentação de suas identidades e na forma como enxergam tudo a sua volta.

Excerto 6: Apreciação crítica da autora Daniela Arbex, obra bibliográfica.

“**Para quem perdeu um pedaço de si na Kiss, todo dia é 27.** É como se o tempo tivesse congelado em janeiro de 2013, em um último aceno, na **lembança das últimas palavras trocadas com os entes queridos que se foram**, de frases que soarão sempre como uma despedida velada. Retomar uma história brutalmente interrompida sem os personagens princi-

pais exige uma reinvenção de si mesmo. **Muitos pais que reconheceram os filhos mortos no chão frio do Centro Desportivo Municipal perderam a capacidade de trabalho, passaram a fazer uso contínuo de remédios ou de álcool e a sofrer de doenças mentais. Cinco faleceram,** posteriormente, com problemas de saúde. **Casais se separaram** depois que um dos dois desencontrou-se de si mesmo. **Algumas mães ausentaram-se voluntariamente da vida.** E, mesmo tendo outros filhos, não foram capazes de se dedicar a eles de imediato. É como se a presença de um remetesse à ausência do outro, é como se elas não enxergassem mais nenhum” (p. 136).

Neste último excerto, que retrata a voz da jornalista e autora da obra bibliográfica, Daniela Arbex, é nítida a universalização do sofrimento das famílias e dos amigos das 242 vítimas do incêndio da Boate Kiss. “Todo dia é 27” simboliza o luto, a tristeza, a angústia, a incredulidade da tragédia. Seguir em frente, recomeçar, são rupturas (Cf. DEL PRIORE, 2013; MEIRA, 2016), são mudanças sociais (Cf. FAIRCLOUGH, 2016) difíceis de praticar, uma vez que no imaginário social sempre se disseminou o ditado popular de que “uma mãe enterrar um filho é algo que contraria a lei natural”.

Outro quesito de extrema relevância neste fragmento discursivo é a forma como a autora relata alguns desdobramentos da tragédia. O incêndio era apenas “a ponta do iceberg”, aquilo que era visível a olho nu. A forma como os familiares lidou com a perda dos entes queridos veio à tona ao longo desses dez anos. Dependência medicamentosa e alcoólica, doenças mentais e divórcio são algumas graves consequências diretas. Reconhecer o corpo dos filhos no Ginásio, segundo a obra bibliográfica em estudo, fora, para a grande maioria dos pais, o momento mais difícil de suas vidas e foi, supostamente, neste momento, que a fé em Deus, a religiosidade, foi posta à prova.

A título de correlação, saliento que a minissérie da Netflix figurou a cena de disposição dos corpos dos jovens e a entrada dos pais para o devido reconhecimento. Como se trata de uma plataforma de *streaming*, alguns elementos midiáticos foram explorados, dentre os quais sublinho a trilha sonora, o toque síncrono dos celulares sobre o peito dos figurantes que simbolizavam as vítimas e, sobretudo, o choro e o grito desesperador dos pais. Para Charaudeau (2009), esses recursos tendem a persuadir o interlocutor, a influenciar na forma de pensar, de enxergar uma dada realidade. Depreende-se, assim, que a série tinha como intuito convencer aos telespectadores de que o incêndio da Boate Kiss não foi apenas uma tragédia, foi um homicídio coletivo.

4.4. Resultados e Discussões

Para fins de sistematização, o quadro a seguir contempla um resumo dos três objetos de estudo que embasaram este trabalho e, resumidamente, os pontos principais das análises. Convém lembrar que a Análise Crítica do Discurso foi a teoria-piloto que embasou a escrita e, por contemplar o viés transdisciplinar, três Áreas do Conhecimento foram elencadas: Comunicação, Direito e Ciências da Religião. Vejamos, a seguir, a síntese dos resultados obtidos.

Quadro 01: Síntese da compilação dos discursos da Netflix, da Globoplay e da obra bibliográfica.

Netflix <i>Comunicação e Dramatização</i>	Globoplay <i>Negligência Estatal e falhas na lei</i>	Obra bibliográfica <i>Mau presságio e fé</i>
<ul style="list-style-type: none">- Cenas e discursos marcantes: os cinco episódios prendem os espectadores;- Média de 40 minutos. Os episódios retratam, em uma linha cronológica, o incêndio;- Foi lançada na semana em que se completava dez anos do incêndio (janeiro de 2023);- Mescla recursos visuais, trilha sonora e recortes temporais - idas e vindas em cenários distintos -, a exemplo de hospitais, das residências das vítimas do incêndio, do ginásio e da própria <i>Boate Kiss</i>.- Sensacionalismo e estratégias para estimular a comoção social: sirenes de ambulância, reconhecimento dos corpos, flashes das rotinas familiares.	<ul style="list-style-type: none">- Contempla cinco episódios;- Foco nos depoimentos, laudos técnicos, fotos, vídeos, leis e perícias;- Trechos do Júri popular, recortes de falas dos familiares e dos sobreviventes;- Atuação da imprensa, bastidores do julgamento;- Nulidade do Júri popular e revolta dos familiares e dos sobreviventes.	<ul style="list-style-type: none">- Rica em detalhes e, especialmente, em diálogos, em discursos literais;- Apresenta fatos e informações inéditos, quando comparados à série e ao documentário;- Linguagem simples, viabilizando uma leitura fluida;- Sessão de fotos com alguns sobreviventes, organizado pela autora, disponibilizado no fim da obra;- A venda do livro foi mais expressiva depois do lançamento da série da <i>Netflix</i> e do documentário da <i>Globoplay</i>.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pode ver, nas três instâncias midiáticas há um mesmo recorte temático, uma vez que a série, o documentário e a obra retratam a tragédia da *Boate Kiss*. Para este trabalho, escolhi contemplar a Comunicação, as Ciências da Religião e o Direito, embora muitas outras áreas

pudessem ter sido exploradas, a exemplo da Sociologia, da História, dos Estudos Culturais, da Segurança Pública e da Psicologia.

5. *Considerações finais*

Diante da compilação dos discursos reverberados na série da Netflix, no documentário da Globoplay e na obra bibliográfica da jornalista Daniela Arbex, é possível apontar algumas conclusões, embora, como analista crítica do discurso, seja cônica de que outras inúmeras análises sejam cabíveis, uma vez que a minha ideologia, o meu lugar de fala e as minhas múltiplas e metamórficas identidades me direcionam para um dado viés; mas que outros olhares são possíveis e que o meu próprio olhar tende a ser transformado.

Nesse sentido, como primeiro aspecto conclusivo, destaco que a série da Netflix “Todo dia a mesma noite: o incêndio da Boate Kiss” gerou - em mim - um maior impacto, uma vez que o uso de recursos apelativos e sensacionalistas foram recorrentes e essas estratégias, na maioria das vezes, contribuem para isso. Friso, ainda, que muitas pausas foram necessárias, tendo em vista me parecer impossível a isenção sentimental, a negação de se colocar no lugar das famílias das vítimas.

Ademais, é necessário mencionar a criação da Lei Kiss, que, mesmo tardia, alimenta a esperança de que uma tragédia como essa e tamanha negligência governamental nunca mais voltem a acontecer. Ainda no âmbito do Direito, é unânime o coro que conclama por justiça, pela culminância de um Júri Popular – ou de um julgamento – que venha a condenar os réus, que se cumpra a sentença e que se faça justiça.

Quanto ao discurso religioso, é pertinente ressaltar que as crenças, as doutrinas e, sobretudo, a fé funcionam como forças motrizes, direcionando os indivíduos que tiveram a infeliz vivência de sepultar entes queridos – em algumas circunstâncias até mais de um -, apegando-se à ideia de que Deus traria o conforto, pois as Ciências da Religião nos impulsionam a acreditar que “Ele sabe de todas as coisas”.

Convém destacar, por fim, que as “tragédias da vida real” tendem a despertar a curiosidade de leitores e telespectadores, conforme mencionado no início deste texto. Partindo, então, dessa premissa, intenciono pesquisar e analisar discursos veiculados em plataformas de *streaming* de casos que tenham se popularizado nas práticas sociais da pós-modernidade, a exemplo de “Isabella: o caso Nardoni”, disponível na

Netflix, e “Pacto Brutal: o assassinato de Daniella Perez”, produzido pela HBO MAX. Ambos chocaram a população e por também figurarem *flashes* reais – fotos, documentos periciais e testemunhos – merecem uma análise, uma pesquisa cuja base teórica seja a Análise Crítica do Discurso, uma teoria-método que investiga as ideologias, as relações de poder e, em especial, as mudanças sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Daniela. *Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

LE MOS, Carolina Teles. *Religião, gênero e sexualidade: O lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: UCG, 2005.

MEIRA, Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva. *Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016. 180 f.

MELO, Iran Ferreira de. In: BATISTA JR, J.R.; SATO, D.T.B.; MELO, I.F. de (Orgs). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

PARRY, Roger. *A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google*. Trad. de Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad. de Pedro Jorgensen Jr.; 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Outras fontes:

TODO dia a mesma noite: o incêndio da Boate Kiss (Minissérie, 5 episódios). Criação: Gustavo Lipsztein, 2023. Netflix.

BOATE Kiss: a tragédia de Santa Maria (Documentário, 5 episódios). Direção: Marcelo Canellas, 2023. Globoplay.

[www.instagram.com.br. @kissquenaoserepita](https://www.instagram.com.br/@kissquenaoserepita). Acesso em 14.09.2023.

[www.instagram.com.br. @netflixbrasil](https://www.instagram.com.br/@netflixbrasil). Acesso em 22.08.2023.